

Dessa imagem, foram feitos *transfers* para cerâmica, do mesmo tamanho das superfícies cerâmicas vitrificadas (azulejos), onde os apliquei. Após a secagem, realizei a queima a 780°C para a fixação do pigmento na superfície vitrificada. Nessa obra e nas fotografias, observei uma nova relação entre minhas mãos e a obra: o “mandar fazer”, a terceirização de uma etapa do meu trabalho. Seria uma observação muito óbvia para quem está habituado a lidar com imagem fotográfica – mandar imprimir, tratar, revelar e ampliar suas fotografias. Essa mudança foi sentida, em meu caso particular, por estar envolvida, até então, com a concepção do trabalho, praticamente do início ao fim. No caso da cerâmica, há uma estreita ligação entre as mãos e a obra em andamento, mesmo que se faça uso de moldes. No momento da queima é que entregamos nossos trabalhos aos cuidados do fogo, enquanto aguardamos até o resfriamento e abertura da porta, quando veremos os resultados.

Nesse trabalho, estão presentes alguns conceitos relativos à fotografia, embasados em Roland Barthes e Philip Dubois. Entre esses conceitos, está o índice de algo que já se modificou – minha imagem criança. O *insight* motivador que com a reflexão se foi revelando foi a ligação daquela criança, daquele tempo, com as rosas, assim como com os outros objetos apropriados e barbotinizados como referenciais, a exemplo dos que deixaram rastros – os criadores de marcas. O olhar daquela criança, colocado à altura do meu próprio olhar e repetido 37 vezes.

Em *Medunizado Frescor* (Figuras 90, 91 e 92), 40 rosas cerâmicas, dispostas em três paredes da galeria, exalavam a fragrância que outrora haviam carregado, antes de serem barbotinizadas e queimadas. A memória era ativada por meio do olfato, mas, ao se chegar perto, o que se via era um rastro. Um índice, como acontece com a fotografia. A diferença é que os restos mortais do que fora apropriado e barbotinado ali jaziam. As rosas passaram por banhos de barbotina com 3 composições de argilas diferentes e penduradas para secagem (Figura 93). Após isto, foram queimadas a 1150°C.

A instalação *A Lama e os Sonhos* – que teve título inspirado nas obras de Gaston Bachelard -, demandou um período maior de preparação em virtude de algumas precauções que deveriam ser tomadas para que o piso da galeria não sofresse danos. Foi colocado um piso vinil sobre o assoalho e feitas vedações nos

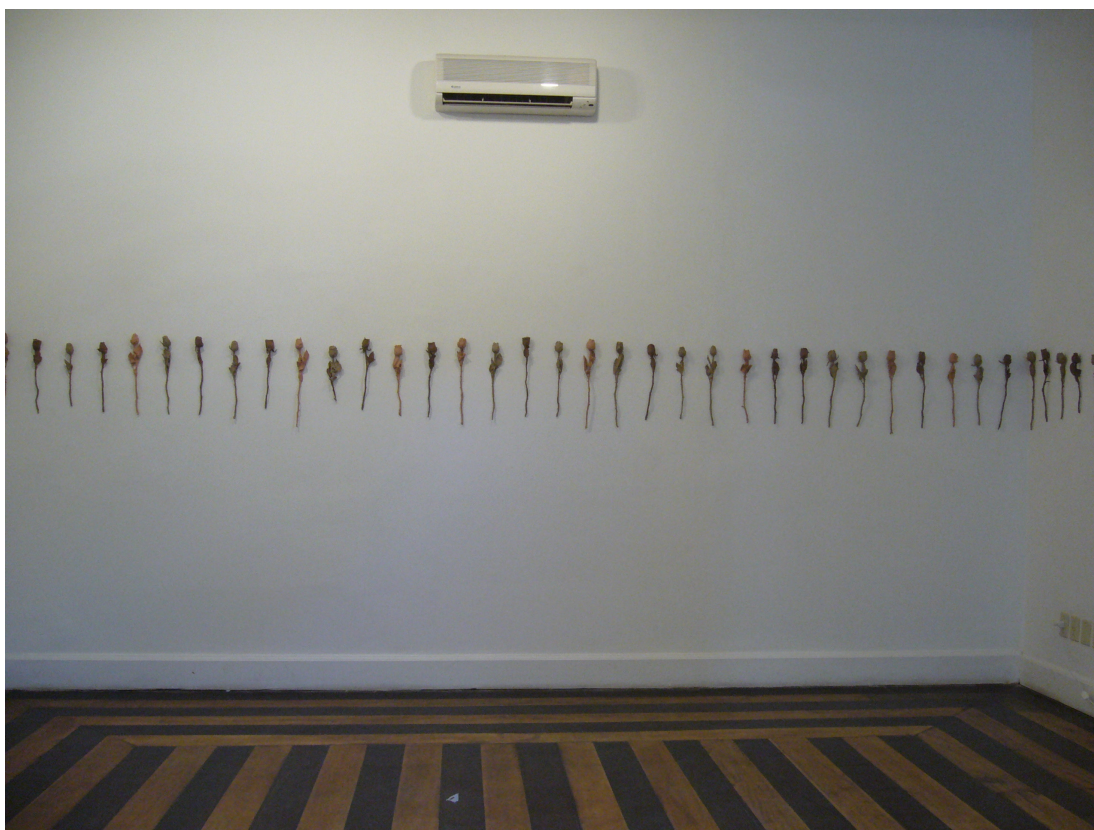


Figura 90 – Rosângela Costa, “Medunizado frescor” - Instalação de parede.
40 rosas cerâmicas. Dimensões variáveis. 2006.



Figuras – 91 e 92 – Rosângela Costa, “Medunizado frescor” - Instalação de parede.
40 rosas cerâmicas. Dimensões variáveis. 2006.



Figura 93 – Rosângela Costa. Preparação das rosas para banho de barbotina.



Figura 94 – Rosângela Costa. Vedação do assoalho com piso emborrachado e fita adesiva.



Figura 95 – Preparação da argila para a instalação.

recortes entre esse piso e a parede (Figura 94). Nesse tempo, toda a argila que iria ser utilizada nessa instalação, estava dentro de bacias com água para que se dissolvesse (Figura 95). Embora a argila estivesse suficientemente seca para que, ao colocar água, se desfizesse com mais rapidez, ainda não tinha conseguido o ponto ideal de uma massa densa. Convidei então algumas pessoas (Figura 96) que com grande satisfação entraram nas bacias para pisar a argila e ajudar a desfazer os grumos. Nesse momento terapêutico, me veio então a passagem em que o filósofo Gaston Bachelard fala sobre a massa ideal:

A participação é tão total que mergulhar a mão na matéria certa é mergulhar nela todo o ser. Ah! Se compreendêssemos que as fontes de nossa energia e de nossa saúde estão em nossas próprias imagens dinâmicas, nas imagens que são o futuro muito próximo de nosso psiquismo, escutaríamos o conselho do bom trabalho. [...] A evidência da imagem material, a imagem vivida materialmente, eis o que basta para nos provar que a matéria suave suaviza nossas cóleras. Como a fúria não tem nenhum *objeto* no trabalho dessa esplêndida moleza, o sujeito torna-se um *sujeito* de suavidade (BACHELARD, 2001, p. 67)⁴³.

Essa instalação (Figura 97) evidenciou o contraste entre o que representava a argila – o bruto, o efêmero e antes considerado “não nobre” – e as qualidades de um sapato feminino de porcelana vitrificada, como a delicadeza, a durabilidade e a nobreza. A película cerâmica guardava o rastro e os restos do que fora um sapato feminino de bico fino e salto alto, assim como do espartilho – presente na instalação *Vestíbulo* –, fetiche, símbolo de feminilidade.

Na instalação *Vestíbulo*, preenchi o chão com arroz⁴⁴, de modo a tornar esse espaço como que sagrado, tanto por causa do alimento em si, que posteriormente foi consumido, como pelo que ele simboliza: felicidade, prosperidade, geralmente votos que se desejam aos noivos em um casamento. Aí se encontrava um corpete de porcelana vitrificada, sustentado por um manequim revestido de barro, num contraste semelhante ao da instalação que exibia os sapatos femininos de porcelana no chão de barro. A mesma relação da terra com o alimento, da terra com o corpo e do corpo que retorna à terra que se alimenta dos seus restos se faz presente. As rosas, dessa

⁴³ Gaston Bachelard, *A terra e os devaneios da vontade*.

⁴⁴ Foram usados 100 Kg de arroz. Houve o cuidado de circular pela instalação com os pés calçados por plástico. Após a desmontagem da exposição, este alimento foi doado.